

MAPEANDO O CAMPO DA PSICOLOGIA AFRICANA: PERSPECTIVAS, TENSÕES E CONCEITUALIZAÇÕES

Nando Paulo Suma¹
Érica Aparecida Kawakami²

RESUMO

A diáspora é considerada a 6ª região da África, isso significa que as experiências transatlânticas se reelaboram a partir de novas territorialidades e não podem ser compreendidas fora da perspectiva africana de existência, porque a existência de parte significativa das pessoas se constitui nas linguagens ancestrais que informam pensamentos, sentidos, práticas, conhecimentos e memórias dos povos herdeiros da experiência da diáspora africana forçada. A noção de pessoa, o senso de ser africano figuram entre o legado fundamental da diáspora. Segundo Cheik Anta Diop, as pesquisas sobre africanos e seus descendentes devem considerar tanto as comunalidades que permanecem vivas no continente e na diáspora, quanto às experiências sóciohistóricas destes povos nos diferentes contextos. Desse modo, pretende-se com este trabalho, apresentar os resultados de pesquisa das principais contribuições teóricas da psicologia africana, em um diálogo estreito com a produção de autores de África ou africanos da diáspora, levando-se em conta a necessidade de novas perspectivas epistemológicas para leituras descolonizadas e sofisticadas dos processos psicológicos, possibilitando que os licenciandos conheçam não só as produções da psicologia africana como também reconheçam os limites da psicologia ocidental euronorteamericacentrada e branca na descrição e interpretação de fenômenos que são sociocultural e geohistoricamente localizados. Para atender a esses propósitos, o trabalho fundamentou-se em pesquisa bibliográfica, com a constituição de material de estudo e consulta, traduções de textos e resenhas e a disponibilização desses materiais à comunidade acadêmica e publicação de artigo que estão em andamento.

Palavras-chave: psicologia africana psicologia afrocentrada psicologia afrodiáspórica .

UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras - IHL, Discente, nandopaulosuma@gmail.com¹
UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras - IHL, Docente, erikawmi@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A aproximação ao campo da Psicologia Africana por meio da pesquisa tem sido especialmente significativa porque consiste em possibilidade de inovação conceitual, analítica, teórica e epistemológica que garanta condições de compreender psicologicamente processos contemporâneos como produção social de identidade, expressões do trauma em contextos de opressão, violência e fragmentação dos laços comunitários, constituição das experiências de infâncias, de envelhecimento, por exemplo, desde um ponto de vista endógeno ao continente africano e das suas diásporas (EDWARDS, 2017) cujas experiências não deixaram de se constituir com base na experiência de ser africano e em conexão com as de seus ancestrais do continente.

Nesse sentido, ouvir as vozes dos psicólogos africanos, como expõem Olowu et al. (2002) é fundamental para também observar as tensões, as diferentes perspectivas (NWOYE, 2015; IDEMUDIA, 2015), os diálogos e mudanças que são próprias de um campo de conhecimento.

A historicização da psicologia ocidental evidencia que ela sanciona o regime político imperialista e racista que a inventa, como discute Nobles (2009). Para ele, a psicologia ocidental buscou a assepsia social e, como as ciências sociais, pautou-se na padronização, classificação, controle e nomeação dos tipos confrontados com os ideias de normalidade que as próprias ciências buscavam legitimar, ao mesmo tempo em que os instrumentos e interpretações europeus restringiam o conhecimento africano.

Para Nwoye (2015), os longos anos de marginalização da África no campo do estudo científico da psicologia nas universidades africanas foram lamentados e classificados como imerecidos e uma espécie de continuação do colonialismo por meio do enraizamento do eurocentrismo no currículo de psicologia universitária em África. Acredita-se que esta tendência dê origem à auto-alienação do intelectual africano que resulta de ser educada em escolas ocidentais e introduzida no sistema intelectual dos antepassados de outras pessoas enquanto permanece na escuridão sobre o sistema de conhecimento criado por seus próprios antepassados.

Idemudia (2015) sustenta que o ponto zero do conhecimento da Europa é o racismo epistêmico, ou seja, funda-se na negação, inferiorização, desqualificação e silenciamento do conhecimento convencionalizado como alheio.

Tendo em vista as diferenças incomensuráveis que encontramos no continente, que dizem respeito às suas histórias, conhecimentos, experiências culturais, produção tecnológica, línguas, povos e sociedades, podemos falar em Psicologia Africana? De acordo com Nobles e Anta Diop, podemos porque em África as diferenças étnicas, embora fundamentais, são menores se comparadas com a qualidade das ligações de suas comunalidades. São sistemas cosmológicos e um conjunto de premissas, valores e crenças comuns. Entretanto, o esforço de apreender África e o que a ela diz respeito deve se dar em termos africanos (conceptualizações, categorias, imagens mentais)

Entre as influências identificadas por Nwoye (2015) para a emergência da Psicologia Africana destacaremos as seguintes:

a) a necessidade profundamente sentida de um contra-discurso corretivo, que visa interrogar as imagens negativas, altamente parciais e egoístas, da África, encontradas espalhadas pela erudição ocidental. Algumas dessas imagens e estereótipos foram formuladas e avançadas



por alguns dos pensadores supostamente "respeitados" na Europa e na América do Norte. um viés fundamental que esses indivíduos mantinham em comum é a suposição de que a humanidade do africano é, no mínimo, questionável (tradução própria). Assim, uma das maiores contribuições da Psicologia Africana e uma das razões para sua emergência, segundo Nwoye (2015), é ela servir como uma psicologia de protesto com o objetivo de se envolver em reconstruções de imagens africanas;

b) o reconhecimento de que as abordagens ocidentais importadas para o estudo da psicologia em África são parciais, em grande parte euro- americanas em conteúdo e ênfase, e não orientadas para promover qualquer envolvimento teórico significativo com o significado psicológico de importantes tradições culturais africanas. Assim, à Psicologia Africana cabe interrogar e desafiar a relevância significativa das teorias e práticas americanas e europeias para os contextos africanos;

c) o entendimento de que a psicologia africana é uma psicologia de reabilitação da cultura e orientação da pesquisa nas universidades africanas onde a produção acadêmica não esteve fundamentalmente focada nas lutas, esperanças e sofrimentos do povo africano, ao contrário, fundou-se em uma excessiva deferência ao quadro de referência euro-americano centrado nas experiências dos brancos.

A delimitação do campo da psicologia africana e a sua própria concepção está sob tensão pois, na tentativa de especificar o que é africano na psicologia africana, receia-se que se desemboque para a homogeneização da mente africana. Hountondji (1996) fala em unanismo, como a ilusão

de que todos em África falam com uma só voz e compartilham a mesma opinião sobre questões fundamentais". Para Mbembe, um verdadeiro projeto descolonial deve realmente ir mais longe e reafirmar a África como o alicerce do conhecimento ocidental e não relegar ou consigná-lo às margens. Diante do exposto, o objetivo central do projeto de pesquisa foi mapear, identificar, sistematizar e discutir a produção bibliográfica relativa à Psicologia Africana.

METODOLOGIA

O recurso metodológico que fundamentou a realização da investigação foi a pesquisa bibliográfica como técnica e procedimento de coleta dos dados e elaboração teórico-crítica e descritiva do material. A pesquisa considerou a produção acadêmica relativa ao campo da psicologia africana, na forma de artigos, teses e dissertações, trabalhos completos apresentados em anais de eventos de magnitude nacional e internacional e livros nos últimos 20 anos. O levantamento preliminar indicava a preponderância de produções em língua inglesa, dada a centralidade de dois departamentos pioneiros de psicologia, localizados na África do Sul e na Nigéria, bem como as produções de pesquisadores associados a departamentos em universidades dos Estados Unidos. Assim, definiu-se que seria realizada consulta em páginas de congressos, associações internacionais e nacionais de pesquisa e pós-graduação em psicologia e realização de contatos por e-mail para solicitação de artigos que não estavam disponibilizados ao público em geral. Ao mesmo tempo, estabeleceu-se os contatos iniciais com esses pesquisadores, a fim de constituir (ou inserir-se em) uma rede internacional de pesquisadores em Psicologia Africana.



A partir do levantamento bibliográfico, foram selecionados textos para serem traduzidos, com elaboração de artigo científico e construção de plataforma digital de consulta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos resultados alcançados foi a criação de um banco de dados (que alimentará o site em construção), nesse momento, no formato planilha do programa Excel. Nela estão sistematizadas as principais produções bibliográficas dos autores deste campo de saber, vínculo institucional, data de publicação, bem como o endereço eletrônico para acesso às mesmas e natureza da obra.

Por meio dos dados levantados, pôde-se observar que, de fato, os pesquisadores que mais têm contribuído com produções no campo da Psicologia Africana atuam em universidades na África do Sul, sobretudo e, depois, Camarões e Nigéria, menos expressivamente. Na diáspora, a produção localiza-se mais evidentemente nos Estados Unidos da América. As produções são mais numerosas a partir dos anos 2000, em que se observa mais artigos publicados em revistas científicas especializadas em psicologia, do que livros.

Identificou-se também autores e pesquisadores que contribuíram muito significativamente para a constituição dos estudos e reflexões no campo da Psicologia Africana, alguns com vários livros e artigos publicados, como Karanja Keita Carroll, DeReef Jamison, Kopano Ratele, Augustine Nwoye, Augustine Nsamenang, Daudi Azibo, Naim Akbar, Kobi Kambon (Joseph Baldwin), Saths Cooper, Brendon Barnes.

Os temas de seus trabalhos dizem respeito ao desenvolvimento e origens da Psicologia Africana, seus paradigmas, teses e princípios, o caráter endógeno da Psicologia Africana, os limites da Psicologia Ocidental e seus constructos, irrestritamente impostos ao continente, em detrimento de uma psicologia preocupada com as questões da África pós-

colonial, seus dramas e desafios contemporâneos, nesse sentido, propondo uma psicologia crítica. Os psicólogos afrodiáspóricos têm no centro de suas produções, a psicologia afrocentrada, a constituição do self, as condições de integridade mental e preocupações sobre os efeitos danosos e insidiosos da racialização e opressão sobre os descendentes de africanos nas Américas, seus enfrentamentos e formas de resistências. No entanto, nesta pesquisa, privilegiamos as produções que se ocuparam em definir o campo da Psicologia Africana, seja no esforço de defini-la, apresentar conceitos chaves, discutir as tensões, discordâncias e entendimentos comuns nesse campo e os principais temas que têm mobilizado seus psicólogos e pesquisadores.

Conseguiu-se também entrar em contato, por meio eletrônico, com dois autores sul-africanos importantes no campo de psicologia africana, nomeadamente: Kopano Ratele e Augustine Nwoye, ambos professores de departamento de Psicologia na Universidade de Kwazulu-Natal, África do Sul. Os dois disponibilizaram um conjunto de arquivos com textos de sua autoria, dentre os quais alguns que não estavam acessíveis on-line.

Encaminharam também links de acesso a outras obras importantes na área de pesquisa em questão. Assim, a constituição dessa importante rede internacional de pesquisadores teve início.

Os materiais identificados e o que foi produzido serão hospedados para acesso livre e



público na página da Psicologia Africana - em construção.

CONCLUSÕES

A partir desse estudo, procurou-se identificar, do ponto de vista teórico, o que tem sido produzido no campo de conhecimento denominado Psicologia Africana, quais pesquisadores têm vindo a contribuir na sistematização do campo da Psicologia Africana. Deste modo, a partir das obras de Nwoye (2015) e Ratele (2017), é perceptível o grande trabalho que estes e outros autores vêm desempenhando primeiro na construção das bases epistemológicas da psicologia africana. Raete que, em seu artigo sobre As seis teses da psicologia africana para o mundo, já vinha delineando a origem e o arcabouço teórico que este campo de conhecimento tem para oferecer à Psicologia como área de conhecimento de maneira universal, sendo uma forma de conceber conhecimento numa perspectiva das vítimas, portanto um conhecimento antirracista e contra hegemônico que dê voz aos silenciados e marginalizados ao longo da história, isto é, uma psicologia crítica. Nesta mesma perspectiva, Nwoye demonstra criticamente os fatores que influenciam o surgimento da psicologia africana, entre os quais a pertinência da existência de uma contra narrativa que valorize e dê protagonismo aos povos (africanos) subalternizados outrora e, deste modo, reconstruir as histórias e imagens negativadas deste povo, no âmbito cultural, epistemológico, ontológico e psicossocial. Visando evidenciar, desta forma, que estes povos possuem agências e saberes que são de grande importância e de alcance universal pluralista.

Um autor também de destaque na psicologia africana foi o professor Augustine Nsamenang que fez abordagens importantes em suas dezenas de obras de produção científica, através de artigos, livros e seus trabalhos como professor e como agente junto das organizações internacionais, debruçando-se sobre temáticas como: educação, cultura, desenvolvimento infantil, questões de saúde, bem como suas críticas ao etnocentrismo ocidental propondo pensar uma ciência da psicologia mais abrangente, isto é, pluralista aquela que não hierarquiza os saberes, muito menos os povos, e adverte para valorização dos saberes indígenas endógenos.

Em suma, emerge-se um novo campo de conhecimento em um contexto de enfrentamento do ponto de vista epistemológico, haja vista os cânones que se estabelecem na psicologia a partir do viés e bases eminentemente ocidentais, isto é, com grande influência dos autores norte-americanos e europeus. Portanto, a psicologia africana tem um longo trabalho de, a priori, superar os obstáculos internos de ponto de vista material no contexto africano e, em seguida, (des)ocidentalizar esse campo de conhecimento em particular, e fazer com que a psicologia que se tem como universal seja pluralista e inclusiva em suas abordagens.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores Augustine Nwoye e Kopano Ratele, da África do Sul, pela atenção e pronta disponibilização dos materiais para a pesquisa. Agradecemos ao Programa



Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UNILAB), da UNILAB pela concessão da bolsa de IC (Edital PROPPG 04-2019; vigência: 01/08/2019 a 31/08/2020), sem a qual esta pesquisa não teria sido viabilizada.

REFERÊNCIAS

- DIOP, Cheikh Anta. Origem dos antigos egípcios. In: História Geral da África. A África antiga. vol. II, São Paulo/Paris: Ática/UNESCO, Org. G. Mokhtar, 1983.
- EDWARDS, Brent Hayes. Os usos da diáspora. Tradução e diásporas negras. Porto Alegre, n. 13, Junho de 2017 p. 40-71
- IDEMUDIA, Erhabor S. Psychology in Africa or African Psychology? Discourse on paradigm shift in psychotherapy and psychological practice in Africa. World Journal Psychotherapy. 2015, № 1(8), pp. 2-7.
- HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008: 149-160.
- NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: Retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: Nascimento, Elisa Larkin. (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. Sankofa: Matrizes Africana da Cultura Brasileira.
- NWOYE, Augustine. What is African Psychology the psychology of? Theory & Psychology, 2015, Vol. 25(1) 96 -116.
- OLOWU, Akinsola; GILBERT, Andrew; AKOTIA, Charity; NAIDOO, Josephine C. Cuestionando la psicología centrada en lo euronorteamericano. Las voces de los psicólogos africanos. Boletín de Psicología, nº. 76, Noviembre 2002, p. 19-31.
- RATELE, Kopano. Frequently asked questions about African psychology. South African Journal of Psychology, 2017, vol. 47(3) 273 -279.

